

Biblioteca Anarquista



Anarquismo na Bolívia: uma conversa com Carlos Crespo

Diego Marín Roig

Diego Marín Roig

Anarquismo na Bolívia: uma conversa com Carlos Crespo

15/11/2015

Adquirido em 17/08/2019 de <http://arainfo.org/2015/11/el-anarquismo-en-bolivia-una-conversacion-con-carlos-crespo/>

bibliotecaanarquista.org

15/11/2015

A Bolívia é um país inserido em um processo de mudança política de natureza anti-imperialista, anticolonial e anti-neoliberal. Ou pelo menos, dizem os anarquistas, esse é o discurso feito pelo governo de Evo Moral e do MAS (Movimento para o Socialismo).

Um processo que começou no início do século com movimentos em defesa da soberania popular na famosa Guerra da Água e Guerra do Gás. Nesse contexto, formas de organização política radicalmente democráticas reapareceram, impulsionando o empoderamento do povo contra o poder da direita. Novas experiências organizacionais que alguns autores descreveram como um certo ressurgimento do anarquismo boliviano.

Pela AraInfo falamos sobre o anarquismo boliviano com Carlos Crespo, professor da Universidade Mayor de San Simón, em Cochabamba, um estudante dos movimentos sociais bolivianos e, em particular, o significado da Guerra da Água. Ativista pelos direitos das pessoas e da Mãe Terra.

Diego Marín Roig (AraInfo) – *Você pode nos dar um breve passeio pela história do anarquismo na Bolívia?*

Carlos Crespo – Há um livro, *La choledad antiestatal. El anarcosindicalismo en el movimiento obrero boliviano 1912-1965*, por Huáscar Rodríguez, em que muito se pode aprofundar sobre o assunto. Ideias anarquistas chegam à Bolívia através da emigração argentina. Também para os bolivianos que iriam trabalhar nas empresas de nitrato do Chile no início do século XX, e é aí que há contato com os anarquistas. Então essas são as duas fontes do primeiro contato com o anarquismo. Por um lado, um argentino vai chegar a Tupiza, que é um reduto anarquista. Aí chega Liber Forti, um anarquista argentino, que fica em Tupiza, e lá ele organiza um grupo de teatro chamado New Horizons, que na época tinha grande esplendor. Liber Forti juntou-se mais tarde à FOL (Local Workers Federation) nos anos 40. Atualmente sou orientador de uma tese sobre a revolta indígena do ano 47, antes da Revolução de 52 na área do altiplano de La Paz, e lá a FOL tem um papel de liderança porque estabelece um tipo de aliança com o movimento indígena. Liber Forti estava de alguma forma envolvido nisso, esta investigação está se aprofundando agora. Essas abordagens para os indígenas também são demonstradas aqui. Essa é uma questão que no anarquismo há uma discussão, isto é, como o anarquismo se posiciona frente a questão indígena, a questão dos países coloniais. Foi interessante porque esses anarquistas entenderam bem, em primeiro lugar, a questão do racismo e, em segundo lugar, a questão da opressão e da dominação a partir do latifúndio que estava

CC – Existe esse Tambo, existe outro em La Paz, e eles são autogeridos. Fazendo atividades. Com alguns companheiros aqui, gostaríamos de remontar um centro. Isso teve efeito enquanto esse experimento durou. Ainda temos uma pequena biblioteca que estamos montando, que é outra coisa que funciona também. É uma boa biblioteca, mas é claro, agora não estamos em lugar nenhum.

DMR (A) – *Você acha que existe algum futuro em direção à organização ou reorganização do anarquismo e /ou movimentos anti-Estado na Bolívia?*

CC – Sim, vejo que haverá uma marca do movimento anarquista na medida em que a crise se aprofunda e também na medida em que as pessoas começam a se cansar de Evo Morales, mais uma vez essa tendência certamente aparecerá. O que eu intuo é o que está acontecendo em outros lugares, e é essa radicalização da sociedade que é cada vez mais conflituosa, e o surgimento dessas ideologias ultra-direitistas que estão começando a aparecer aqui também. A luta contra estas ideologias totalitárias, e ali os anarquistas estão sempre se dando. É nesse cenário que eles certamente aparecerão novamente. Nessas lutas concretas, feministas, ecologistas, questões indígenas, onde há sempre associações de cumpas que estão fazendo coisas, mas ao mesmo tempo há a visão mais proativa, porque há aqui uma imagem muito preconceituosa de associação do anarquismo com o caos, violência, ignorando a essência do anarquismo. Há dois anos, um grupo de guias foi fazer uma comunidade, esses experimentos de construção de outros estilos e modos de vida, que também é outra coisa que deve ser destacada, porque o que integra o anarquismo é que é uma ideologia basicamente prática, É isso que contrasta com os marxistas, que estão conversando e fazendo política, enquanto os caras estão fazendo as coisas, é um pouco das discussões que temos com os caras, que há muito ruído muito falar, é sobre fazer coisas, e é lá , de fazer coisas, de práticas sociais, é de onde as coisas vão vir, não da teoria.

como sobreviver e também negociando suas próprias demandas com o governo. Então a coisa está fragmentada.

DMR (A) – *Nesse sentido, houve algum relacionamento temporário na Bolívia entre o anarquismo e o trotskismo?*

CC – Alguma coordenação na rua, para fazer ações e atividades específicas em tempos de crise principalmente, mas então as relações não são muito boas. Precisamente pelo autoritarismo. Entre os jovens, há um movimento trotskista meio punk (refere-se aos skins dos CRAF – Cabeças Raspadas Antifascistas), militantes do trotskista POR (Partido Operário Revolucionário) e estão sempre acontecendo. Quando tínhamos o centro social e fazíamos apresentações as rixas eram muito frequentes. Mas existe esse nível de coordenação em determinados momentos.

DMR (A) – *Durante a conversa você falou sobre o punk. Existe realmente um movimento anarcopunk na Bolívia?*

CC – Na época houve. O que aconteceu é que desde 2004 com a perseguição do anarquismo, como no caso das bombas e do terrorismo, aquele momento de esplendor que teve o movimento libertário na Bolívia com o VIII Marcha, caiu com a acusação dos anarcoterroristas. Dizemos que o caso foi armado para foder o movimento, e cumpriu seu objetivo porque os centros sociais que estavam em La Paz ou em Cochabamba foram fechados. A coisa era muito pública e agora se tornou discreta, é nas catacumbas. Então o movimento é discreto, havia aquela síndrome de perseguição. Aqui as pessoas também desapareceram porque havia o medo de perseguições, porque além disso alguns companheiros que moram aqui estavam relacionados a um dos degenerados que está envolvido no caso, e é nosso amigo, então ele também teve que ir para a clandestinidade. Isso é passado.

O maior esforço tem sido realizar atividades para arrecadar fundos para prisioneiros e fazer campanha em defesa dos prisioneiros ou pessoas perseguidas. As pessoas que estavam na 8ª marcha não apareceram ou estão fazendo coisas abaixo do radar. Eu diria que houve no último ano ou ano e meio desta crise, um desaparecimento, ou eles estão lá, mas não visíveis. Havia alguns jovens que começaram a ressurgir porque o centro social do Tambo que está em La Paz foi inaugurado e que normalmente não aconteceria no ano passado no começo do ano. Depois, há alguns grupos que estão começando a se organizar novamente.

DMR (A) – *Existem então centros sociais autogeridos na Bolívia?*

ligada em todos os momentos a uma ideologia racista. Há um texto dos anos 20 que Luis Cusicanqui escreve um anarquista de origem indígena, onde ele torna esta vinculação muito interessante. A questão da ligação entre os indígenas e os anarquistas é um assunto que está aqui e pode ser visto nesta pesquisa que está aberta para continuar aprofundando a memória histórica da experiência anarquista.

O momento da queda do anarquismo na Bolívia ocorre com a revolução de 52 porque é aí que se estabelece um sindicalismo um pouco paraestatal ou intimamente ligado ao aparato estatal, que já é o MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário), o mesmo partido que toma o poder em 52 e que já foi governo em 46, momento em que eles já fizeram algum progresso e já alertaram para esse tipo de sindicalismo camponês, principalmente muito ligado ao Estado. A única coisa que permanecerá como símbolo é Liber Fortis como assessor da COB (Central Obrera Boliviana) durante os anos 70 e 80, mas como uma figura mais simbólica. Digamos que todo esse período pós-52 e ditaduras, a presença anarquista é simbólica e está na clandestinidade. Os veteranos do FOL também são esquecidos. A partir dos anos 80, há um ressurgimento de algumas ideias anarquistas no nível universitário. O trabalho de Silvia Ribera nos anos 80 foi importante sobre os artesãos libertários, sobre sindicatos das cholas, cozinheiros, etc. Deixou claro que havia algo diferente da ideologia marxista dominante naquela época. Durante esse período, alguns estudantes também participaram de um movimento autônomo que era antipartidário, porque agora a universidade era muito dominada por partidos políticos. Esses movimentos que começam a surgir em diferentes lugares são pequenos grupos de afinidade. Gradualmente, vão surgindo grupos como os de Silvia. Nesse período há também um argentino, Juan Perelman, que vivia em La Paz e estava ligado a grupos anarquistas de lá, que é outro reduto. Por alguns anos, Perelman publicou um jornal chamado Combat. Assim, o anarquismo vai emergindo novamente principalmente nos jovens, como sempre o movimento punk é o que introduziu essas novas gerações ao anarquismo. Eu também como professor universitário e fazendo outras coisas, me interessei por essa nova geração de mudanças. Na verdade, quatro anos atrás, começamos a construir um centro social juntos. Foi interessante. O experimento terminou com o TIPNIS (*Territorio Indígena y Parque Nacional Isiboro Secure*), em 2008. A Guerra da Água foi uma catapulta, aqui em Cochabamba foi importante para a impressão dessas novas gerações. Com a Guerra da Água, alguns grupos anarquistas espe-

cíficos começaram a surgir após os conflitos de 2003 e 2005. Desde 2000, mais ou menos, começaram a organizar reuniões libertárias em todo o país, em La Paz, aqui em Cochabamba, uma em Santa Cruz. É o que vem vindo mais ou menos, articulando algumas coisas, mas em geral o movimento é bem fragmentado. É um dos temas que já visualizamos desde aquele período e que agora com essa campanha para identificar o anarquismo com o terrorismo, essa fragmentação foi visualizada. Eu me lembro de uma reunião em La Paz onde vieram grupos insurrecionalistas e vieram diretamente para sabotar a reunião. Eles nos vêem como seus inimigos. Este tipo de confronto tem sido muito frequente, embora, como sempre, quando existe uma política de rua, estamos todos juntos. Foi um período em que, gradualmente, cresceram centros sociais que foram sendo montados em La Paz, aqui, por volta de 2000-2003, quando esses diversos experimentos começam a surgir. Alguns jovens de ideologia mais indigenista, outros mais punks, também diversificados, e bem em 2010, era um importante ponto de falência em todos os lugares. Com a VIII Marcha do TIPNIS, os primeiros que entenderam muito bem o tema do TIPNIS foram os companheiros anarquistas que foram diretamente para a Marcha, quando era algo em que ninguém se interessava, já que não era uma questão nacional. Alguns já colaboraram com organizações indígenas e, bem, foi uma coisa interessante que antes da mudança, eles entraram nas marchas desde o início e marcharam com os nativos. Também nos grupos de apoio que foram estruturados em Cochabamba, La Paz e Santa Cruz, a presença desses grupos, desses indivíduos, era muito evidente, promovendo esses grupos de solidariedade, como o acampamento na igreja de São Francisco, por exemplo, Havia também a Women Creating, e havia uma coalizão interessante. Ao chegar em La Paz, no dia 8 de março, o bloco anarquista que se juntou acompanhando a marcha foi grande. Depois de muitos anos eu nunca tinha visto tantos anarquistas juntos.

DMR (A) – *Na Guerra da Água, por que há o surgimento de um movimento social tão heterogêneo e tão amplo de anarquistas?*

CC – O que acontece é que havia um grupo de *changos* intimamente ligados aos movimentos punk, embora houvesse também outras visões que eram uma espécie de grupo de apoio para a Federação de Operários que trabalhavam com Oscar Oliver, um deles era seu *chango*. Eles fizeram de tudo, de graffiti a ações diretas, coisas assim. Eles já estão se conectando desde aquele período, quando a Federação de Fabricantes se junta ao Coordenador da Água, esse grupo também se junta ao Processo,

pouco da filosofia. Lá no TIPNIS para dois mil indígenas o país precisa da estrada. Ou aqui na luta que temos no dia 6 de agosto com os espaços irregulares. Da mesma forma, o prefeito diz que, para vinte vizinhos que perderão seus negócios, que têm dinheiro, ele os acusa de tudo, quando a cidade precisa, está feito. É essa ideia de como a ideia do bem comum é instrumentalizada no final.

DMR (A) – *No sindicalismo boliviano não se concebe que exista um centro sindical fora do COB, que é o que reúne toda a classe operária do país com suas tendências e correntes. Existe um processo de anarco-sindicalização dentro do COB?*

CC – Infelizmente não. Eles (refere-se aos partidos de esquerda do Estado, MAS e PCB, entre outros) chamam a anarco-sindicalização de diferentes tendências organizadas que existem dentro da COB. O que acontece é que o COB decidiu, ou alguns líderes do COB decidiram fazer seu próprio partido, o PT (Partido dos Trabalhadores). Isso pode ser um traço do que eles consideram anarco-sindicalização. Na realidade, os comunistas sempre falaram sobre a existência de uma anarco-sindicalização na COB. É a linha que defendeu Filemón Escobar muito, que na época fazíamos parte do mesmo grupo no início dos anos 80. Escobar vem do trotskismo, mas digamos que ele começou a abordar uma visão, entre aspas, anarco-sindicalista. Uma das características do COB é que ele não está ligado a nenhum partido político, não é como os comunistas espanhóis, que têm sua união lá que é CCOO. Aqui o COB não pode dizer que foi ou é dos comunistas, porque os partidos políticos têm que fazer política dentro do COB para ter hegemonia. Então, essa característica do sindicalismo boliviano, Escobar disse que ele transforma a união em um órgão de poder, e de fato o COB liderou as lutas pela recuperação da democracia, por exemplo, no período de Banzer ou García Meza. A capacidade do COB na época articulou a sociedade boliviana para lutar contra ditaduras, ou também por demandas específicas. O que precisava ser buscado era que os sindicatos tomassem o poder, que era a ideia defendida por Filemón na época, para que o COB liderasse um processo de transformação social. E nesse sentido os comunistas falaram sobre essas ideologias anarco-sindicalistas, e que até agora existem alguns que ainda defendem essas ideias, o que acontece é que o sindicalismo está tão enfraquecido hoje, sua base social enfraqueceu tanto que é complicado. O sindicalismo é hoje estado, hoje os mineiros também estão discutindo

Tinku. O jovem Tinku também está conectado com alguns grupos anarquistas de outros países, por exemplo com os da Federação Anarquista Uruguiaia (FAU) que tinham o Tinku como grupo de contato. Então o Tinku aparece como um grupo anarquista, embora os chamemos de anarcomunistas. Eles fazem parte dos grupos de choque na Praça, porque quando vamos fazer ações, temos problemas com eles. Vimos que no caso venezuelano também há pessoas que se proclamam anarco-Chávez. É outro tópico de discussão interna, pessoas que decidiram apoiar o Processo, mas não Evo Morales. Neste ponto do filme, não é coerente apoiar. O que acontece é que o Evo é muito popular internacionalmente, por causa do tema indígena, a simbologia etc., o fato de ter liderado a questão ambiental em Copenhague, tem aparecido como um campeão da luta ambientalista, é incrível, e isso depois do TIPNIS e das políticas que está fazendo, porque a soja geneticamente modificada foi aprovada, eles estão colocando os passos em direção à energia nuclear... exatamente o oposto de seu discurso ambientalista. Para os lugares que eu saí da Bolívia, através da universidade, todo mundo quer saber sobre o Evo, e parece a eles que o Evo é uma boa pessoa e, claro, quando eu começo a falar sobre isso eu até discuto com argentinos, uruguaios que são anarcomunistas e parece-lhes que o Evo está fazendo uma grande mudança.

Também temos discutido a questão de Suma Qamaña, sobre essa ideologia do Bem Viver, que é um discurso, então é um embuste, porque o discurso do Bem Viver não existe na realidade. Eles querem fazer você acreditar que Suma Qamaña é parte do mundo andino, indígena, e não existe, não existe, não há evidência empírica de Suma Qamaña. O que faz é usar o discurso do Suma Qamaña para intervir no TIPNIS, porque o plano de intervenção no TIPNIS é chamado de Plano para Viver Bem. Aqui está a instrumentalização, como o discurso do Bem Viver opera no mundo real, que teria que ser investigado, para que e como o governo usa esse discurso no mundo real, para criar estradas para viver bem.

Essa lógica foi vista aqui recentemente, em Sebastián Pagador (distrito de Cochabamba) eles estão fazendo o estádio e já montaram as arquibancadas. Na parte sul, que está fechada, não há nada. Um mês atrás Evo Morales estava lá no ponto de preferência mais alto e disse, *colegas o que aconteceu, eles não cercaram a parte sul da curva*, e disseram, *colega presidente, é que as casas no bairro já estão começando lá, isso afetaria três quarteirões, então a curva do sul não foi feita*, e ele disse textualmente que cinquenta pessoas vão chorar, mas milhares vão aplaudir. Isso é um

então essa foi uma das entradas. Outra entrada foi com Marc Badal, que nesse período morava aqui em Cochabamba. Escreveu sobre a Repsol, foi aluno de economia ecológica na Martínez Savier, veio para a Bolívia para fazer sua tese e foi pesquisador, e o cara veio do movimento de Barcelona, onde morava em uma casa ocupada, e aqui também com jovens e coincidiu com a Guerra da Água. Assim, Marc foi importante na formação e promoção de ações durante esse período da Guerra da Água, de 2000 a 2003, enquanto perdura o processo.

DMR (A) – *O anarquismo historicamente foi além do movimento trabalhista, acolhendo também outras lutas como o feminismo ou o ambientalismo. Você acha que o anarquismo teve alguma influência no Processo de Mudança e nos atuais movimentos sociais da Bolívia?*

CC – O que acontece é que na Guerra da Água nós tivemos nosso movimento dos “indignados” como vocês. Para nós foi em 2000, que por suas características é um movimento apartidário e até anti-partidário. Quando vinham militantes à praça, eram rechaçados, houve uma condenação da ideologia partidária. Ao mesmo tempo, se reivindicava uma democracia de base. A Guerra da Água foi, de certa forma, uma experiência anarquizante. É por isso que, mesmo naquela época, foi discutido até mesmo como a nova empresa deveria ser autogerida, e aí a coisa falhou porque o sindicato, que deveria iniciar um projeto de autogestão da empresa, fazia parte da estrutura de corrupção da empresa, eles eram parte do problema em vez disso. Esse foi um dos fatores, entre outros, que fizeram a experiência fracassar. Nesse sentido, vejo que, pela própria prática social, havia práticas e famílias anarquistas ou anarquizantes.

Posteriormente, se situam também nos bastidores o movimento feminista mais radical, como María Galindo ou os Kamasas, um grupo de feministas libertárias um pouco indigenistas, e outro grupo mais musical que é o Barbi Pachakuti, então também há todo um movimento por trás. Essas garotas estão muito envolvidas na questão libertária e também no ambientalismo.

Nos grupos anarquistas é onde o debate do TIPNIS tem sido mais promovido. Por exemplo, há toda uma demanda por autogestão com o TIPNIS, que é uma das discussões que temos com os dirigentes e suas lideranças que sempre têm algo de burocrático. O que acontece aqui é muita influência de ONGs e intelectuais orgânicos nas organizações, portanto, como reduzir essa influência é um tópico aberto em discussão. No caso do TIPNIS, como estruturamos algumas formas de autogoverno agora, porque o

que temos a evitar é o que o sociólogo chama de política de demanda, e é que o discurso dos direitos, o que você tipifica é uma política de demanda, onde você está recebendo coisas do estado o tempo todo, e você entra em uma lógica clientelista. É aí que as divisões dos líderes estão ligadas, etc. Então o desafio é romper com tudo isso, o que acontece é que isso vai contra a história de todo sindicalismo boliviano que está absolutamente conectado com o estado, e todas as suas lutas são orientadas para exigir coisas do estado e dos poderes, é uma luta muito disciplinada. É por isso que nos momentos de crise são os momentos em que as coisas saem desse horizonte.

Então, hoje, para aqueles do TIPNIS, esse é o desafio deles, como estruturamos isso. A desordem do ano passado, onde decidem apoiar uma candidatura para o governo em Beni, eles entram em uma luta eleitoral, e é um desastre também porque eles nem sequer votaram no mesmo TIPNIS por eles, então eles gastaram toda a energia e esforço em uma coisa que não faz sentido, em vez de fortalecer a autonomia indígena para que isso aconteça.

DMR (A) – *E que a autonomia indígena, que de algum modo tem conotações de organização libertária, existe na realidade ou permanece no discurso?*

CC – A autonomia indígena tem sido tradicionalmente uma demanda associada à territorialidade. É uma luta que vem dos povos das terras baixas. Nesse sentido, é uma luta antiestatal, porque o que eles estão dizendo é como fazemos com que o estado não entre em nossas vidas, na maneira como administramos e vivemos, como reduzimos a presença do Estado, mas o processo de Evo Morales cooptou esse processo. Então, agora, por lei, isso foi incorporado à política estatal, onde a autonomia indígena é parte da cadeia de transmissão da organização estatal. Tal como foi formulado na Constituição e este é um desses problemas, como se articularam, em vez de propor formas mais federadas e mais descentralizadas de administrar o território. Como aqueles que pensaram nesta Constituição vêm de uma lógica estatista e centrada no Estado, você não pode esperar mais nada, Álvaro García Linera, todas essas pessoas, intelectuais que apoiam as comissões de redação da Constituição, e o fizeram com esse horizonte. O que foi feito é converter a autonomia indígena em uma política estadual de cooptação. E Evo Morales aproveita isso para dividir as organizações, por exemplo hoje existem dois CONAMAC, etc. É uma parte muito fodida da luta.

DMR (A) – *Então, você sugere que na Bolívia não há um processo de auto-organização popular e empoderamento social a partir de baixo, mas da nacionalização do estado?*

CC – Isso mesmo. Vejo que na Bolívia está em curso um processo de estatização, fortalecendo o poder do Estado, incluindo poderes repressivos. Há um nível cada vez pior de intolerância do Estado, além da perseguição e criminalização da dissidência, se hoje você pensa de maneira diferente, está ferrado. Minha aluna tem seu terreno em Chapare e teve a ideia de questionar uma decisão do colega Evo e quase confiscaram seu terreno, por decisão do sindicato. Existe essa criminalização em geral. Supõe-se que este deve ser um processo de florescimento, de experiências, de formas alternativas, de novos projetos, mas o que você vê, por exemplo, são megaprojetos produtivos geridos pelo Estado, em imitação dos modelos venezuelano e cubano, e o pior é que Eles nem funcionam bem porque são corruptos. Não há nenhuma empresa no estado boliviano que esteja trabalhando mais ou menos bem, exceto a Entel, provavelmente pelo montante de milhões que ganham das telecomunicações. Eles não funcionam de todo. A tendência é controlar, e como controlar. Eu trabalho com organizações econômicas camponesas, um tipo de empresa baseada em apoio mútuo e associação, e que surgiram para transformar seus produtos, em alguns casos fazendo produtos orgânicos, participando da feira ecológica que está aqui, mas há uma lei recentemente aprovaram que, em vez de promover seu fortalecimento como entidades autônomas e descentralizadas, busca controlá-las. Eu dou a você como exemplo o caso do mel. Existem muitos empreendimentos associativos de mel e, em alguns casos, mel muito bom, porque eles estão em áreas onde não estão pulverizando. O governo criou este projeto que eles chamam de pró-mel, é uma empresa estatal que vai coletar mel dos produtores. Será um intermediário e esse mel será processado industrialmente para vender. A questão é que com isso eles estão liquidando essas pequenas empresas, que a única coisa que eles vão fazer agora é entregar o mel para a empresa estatal. Mas, como as empresas autônomas estão em risco, essa é a abordagem da política do governo em relação à questão. O governo em nenhum caso leva você a propostas de autogestão ou autonomia, mas há um processo de um tipo de stalinismo crioulo.

DMR (A) – *E não há anarquistas dentro do Processo de Mudança?*

CC – Sim, é verdade que existem alguns companheiros que se definem como anarquistas, que decidiram apoiar Evo Morales, como o jovem